

**CEDI**

**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte: 19 Dias (BJ) Class.: 18

Data: 24/10/80 Pg.: \_\_\_\_\_

**Ameaçados de morte remanescentes  
de uma tribo indígena exterminada**

**SÃO LUIS (AGS)** -- Se os 27 índios Guajá do Igarapé Timbira, em Santa Luzia e os pequenos grupos das regiões de Arame e Butiticupu não forem transferidos para a reserva Caru, no Município de Bom Jardim, onde terão melhores condições de vida, serão em pouco tempo, exterminados por doenças, fome, expulsão de suas terras ou nas mãos de pistoleiros, advertiu ontem o antropólogo Márcio Pereira Gomes, em relatório encaminhado ao Departamento Geral do Planejamento Comunitário da Funai, em Brasília, à Delegacia Regional do Órgão, aqui e às comissões pró-índio em vários Estados.

O antropólogo que integrou a equipe da Funai responsável pelo contato, em abril, desse grupo de 27 guajá, nas matas de Santa Luzia, diz que de uma população de 300 índios, restam hoje cerca de quarenta.

**FORAM MASSACRADOS**

Segundo Márcio, os guajá são a última nação exclusivamente caçadora-coleitora no País. Perdeu a prática da agricultura há uns 300 anos, devido as pressões causadas pela expansão luso-brasileira no seu território original -- os vales dos rios Gurupi, Guarna e Capim. Falam uma língua da família lingüística tupi-guarani. Nos últimos 30 anos perderam grande parte de seu território, dividiram-se em grupos que se espalharam pelo Maranhão. Até os anos 50 a população guajá se expandiu, mesmo sofrendo ataques dos urubu-kaapor e tenerenhara, nos vales dos rios Turiaçu e Pindaré e dos primeiros colonos que chegaram em suas terras. Mas de 1978 para cá começou o grande declínio populacional do grupo, provocado pelos contatos com caçadores e agricultores que transmitiram gripe e raptaram suas mulheres e filhos.

**RESGATE DE SOBREVIVENTES**

Em 1970 foram formados dois grupos Guajá: um ao longo do Rio Pindaré e outro no seu afluente, o Rio Caru. Em 1973, a antropóloga Valéria Parise, então trabalhando para a VI Delegacia Regional da Funai, iniciou um projeto de contatos com pequenos grupos guajá encontrados nos povoados que surgiram no Pindaré e Caru. Não era mais que um projeto de resgate de sobreviventes. De lá ela chegou a transladar nove índios, cinco dos quais crianças, cujos pais haviam morrido em São Luis ou no Posto Indígena Pindaré, devido a infecções intestinais e pulmonares. Em março deste mesmo ano, Parise contactava 17 guajá no alto do Rio Turiaçu, numa área transformada mais tarde em reserva indígena.

**NINGUÉM MAIOR DE 40**

A partir de 1974, diz Márcio, equipes da Funai fizeram novos contatos e, dois anos depois, um funcionário do órgão, lotado na frente de atração guajá estimava em 91 o número desses índios. Hoje, nessa frente, restam 29 deles, sendo que três são crianças que vieram do Rio Caru e mais da metade com menos de 10 anos. Entre eles, não há uma pessoa com mais de 40 anos, nem ninguém é avô, isto é, é um grupo formado por apenas duas gerações. Segundo o antropólogo, os 80 índios que viviam na região do Caru perderam contato com os do Rio Turiaçu, por força de uma medida que dividiu essa área indígena em duas reservas separadas. A administração da VI Delegacia Regional da Funai, na época, em 1977, cabe o peso da morte de cerca de 50 guajás, por causa dessa divisão.